REPRESENTAÇÕES DO RURAL-URBANO E O CONSUMO DE TELENOVELAS POR JOVENS DA AGRICULTURA FAMILIAR DE PEDREIRAS – MA

MARÃO, Marco
Estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM
marcomarao@gmail.com

RESUMO
Esse artigo origina-se de pesquisa maior que investiga o consumo de mídia entre jovens da agricultura familiar. O recorte aqui está limitado à circulação de representações do rural-urbano acionadas pelo consumo de telenovelas. São investigados sete jovens moradores do município de Pedreiras, no estado do Maranhão, de idade entre 14 a 31 anos, pertencentes a famílias de agricultores familiares. Adota-se como método a *Etnografia crítica do consumo* de Ronsini (2003; 2011). Além da observação participante, pressuposto do método etnográfico, realizou-se entrevistas de roteiro semiestruturado, com predominância de perguntas abertas.

Palavras-chave: Rural-urbano. Representações. Telenovelas

ABSTRACT
This article is a result from a larger research which studies media consumption by youngsters in family farming. In particular, it searches into rural-urban representations coming from the consumption of 'telenovelas'. Seven family farming youngsters at the age of 14 to 31 who live in Pedreiras, in the state of Maranhão, were studied. The adopted method is Critical Etnography of media consumption by Ronsini (2003; 2011). In addition to participant observation, which is a pre-condition of Ethnography, interviews following a semi-structured script with mostly open questions were held.

Key-words: Rural-urban. Representations. Telenovelas

INTRODUÇÃO

A Comunicação vem se consolidando como um campo de pesquisa interdisciplinar, dividindo interesses temáticos e incorporando metodologias das áreas das Ciências Humanas e Sociais, razão pela qual a trajetória de institucionalização da Comunicação tem sido marcada por debates, por vezes conflitantes, acerca das

especificidades que a delimitam como campo autônomo de pesquisa. Um dos argumentos que, na nossa concepção, legitimam a autonomia do campo é sua delimitação a partir de um "olhar comunicacional" para o objeto.

Nesta pesquisa, nos aproximamos de um tema caro à Sociologia, a juventude rural. Abordar o assunto a partir do "lugar" da Comunicação não é necessariamente indicar problemáticas que a Sociologia ainda não tenha enfrentado recorrentemente, mas contribuir para estas problemáticas a partir de outra perspectiva. Em outros termos, pensar os problemas enfrentados pela juventude rural a partir da Comunicação.

Esse artigo origina-se de pesquisa maior que investiga as práticas dos jovens da agricultura familiar associadas ao consumo de mídia e as representações do rural-urbano acionadas por este consumo para se compreender em que medida as estruturas capitalistas de poder estão implicadas nessas práticas. O recorte aqui está limitado ao consumo de telenovelas. São investigados sete jovens moradores do município de Pedreiras, no estado do Maranhão, de idade entre 14 a 31 anos, pertencentes a famílias de agricultores familiares.

Embora a abordagem dicotômica, que subordina o rural ao urbano, esteja “superada” academicamente, ela permanece viva na esfera das representações sociais dominantes na sociedade contemporânea, portanto a juventude rural, ainda hoje, se confronta com preconceitos de representações “ ‘urbanas’ sobre o campo” (CASTRO, 2009, p. 183), promovidas pelas indústrias midiáticas dentro de um contexto mais amplo de práticas desenvolvimentistas em escala global que resultam em consideráveis interferências e transformações nas realidades sociais contemporâneas (FROEHLICH, 2019).

Adotamos como método a Etnografia, pois ela possibilita a apreensão do fluxo da experiência dos sujeitos, através da proposta de *Etnografia crítica do consumo* de Ronsini (2011). A proposta de Ronsini (2011), ancorada no paradigma indiciário, permite-nos articular a observação em microescala a discussões teóricas mais amplas para a composição do objeto de pesquisa. Além da observação participante, pressuposto do método etnográfico, realizou-se entrevistas de roteiro semiestruturado, com predominância de perguntas abertas.

1. PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A pesquisa toma por base a perspectiva das mediações Martín-Barbero. Através do deslocamento dos meios às mediações, do ponto de partida investigativo, a proposta de Martín-Barbero resulta em "um desenho complexo de pesquisa que envolve a estrutura e a dinâmica da produção de conteúdos, os usos e as apropriações desses conteúdos e a composição textual dos mesmos" (LOPES, 2014, p. 66), procurando romper com o modo fragmentado de abordar o circuito da comunicação midiática, pensando a comunicação como processo.

Tendo isso em vista, nos baseamos, mais especificamente, no Mapa das *Mediações Comunicativas da Cultura* (Figura 1) de Martin-Barbero.

Figura 1 – Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura



Fonte: Lopes (2018), adaptado de Martín-Barbero (1998; 2001)

Como ressalta Lopes (2014), este mapa possibilita operacionalizar a análise de qualquer fenômeno social que esteja relacionado com as instâncias da comunicação, da cultura e da política. De acordo com Ronsini (2011, p. 82), Martín-Barbero defende a necessidade de construção “da noção de mediação a partir das problemáticas específicas de cada pesquisa, pois ela pode ser formulada de muitas maneiras em uma proposta investigativa de cunho etnográfico, onde os conceitos se constroem em campo”. Para a autora, a pesquisa a partir do “lugar” do consumo demanda uma proximidade aprofundada com os sujeitos observados, razão pela qual o emprego do método etnográfico é

fundamental.

Estabelecendo uma aproximação com Shaun Moores, Ronsini (2003; 2011) propõe uma adaptação da Etnografia para a Comunicação: a *Etnografia crítica do consumo*. Ancorada no modelo *barberiano* das mediações, a proposta da autora considera que abarcar "uma totalidade possível" para o consumo consiste na "articulação entre situações de realidade e proposições abstratas abrangentes prévias (RONSINI, 2011, p. 79). Em função da especialização conceitual e metódica que a tarefa de abranger todo o circuito da comunicação exige, demos ênfase à apreensão da experiência vivida dos sujeitos em sua relação com a mídia.

Em consonância com a proposta de Ronsini (2003; 2011), nos ancoramos no paradigma indiciário, que tem como indicação um procedimento de análise microscópica do objeto, em termos de uma redução de escala de observação empírica, mas não em termos da dimensão mais ampla do objeto de pesquisa. Ao ter como objeto casos, situações e documentos individuais, o paradigma indiciário alcança "uma margem ineliminável de causalidade" (RONSINI, 2011, p. 79-80). Através de "indícios singulares", ele também oferece "instrumento para desvendar mecanismos de ocultação ideológica e revelar fenômenos mais gerais" (RONSINI, 2011, p. 80).

A proposta da autora é compreender o fenômeno comunicacional através de uma aproximação entre Sociologia e Antropologia. Da primeira, herda-se a preocupação com os determinantes macroestruturais dos meios tecnológicos; da segunda, "o sentido da relação entre eles e a audiência" (RONSINI, 2003, p. 44). A necessidade de incorporação da Sociologia, para Ronsini (2003, p. 44), se justifica pelo fato de que não há uma teoria única capaz de perceber, ao mesmo tempo, "o modo como a variedade das experiências é produtora de certas representações da sociedade e como o pensamento social e político hegemônico se enraiza no cotidiano".

Do *Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura*, trabalhamos, aqui, com duas mediações: Socialidade e Ritualidade. A Socialidade é o lugar de articulação das práticas comunicativas, de constituição dos indivíduos e de suas relações com o poder, através das instituições sociais com as quais eles se relacionam.

A partir do eixo Socialidade, abordamos as *Representações do rural-urbano* que circulam entre os nossos informantes. Enquanto expressão tanto de suas visões de mundo, constituídas através de todos os níveis de socialização, quanto das suas condições sociais

de reprodução, as representações sociais nos fornecem elementos para analisarmos o processo contínuo de negociação da hegemonia entre as classes dominantes e subalternas, uma vez que a cultura massiva não ocupa uma única posição no interior da cultura das classes sociais, onde "coexistem produtos heterogêneos, alguns que correspondem à lógica do expediente cultural dominante, outro que corresponde a demandas simbólicas do espaço cultural dominado" (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 311). Portanto, as noções de *rural* e *urbano* articulam o nosso olhar sobre o processo assimétrico e socialmente excludente da modernização capitalista, o qual perpetua a idéia do rural como ultrapassado e o subordina ao urbano.

Articulando os Formatos Industriais às Competências de Recepção/Consumo, a mediação Ritualidade refere-se aos processos de construção de sentido atravessados pelo consumo midiático, às trajetórias de leituras dos consumidores, regulando as interações entre tempos e espaços cotidianos e os tempos e espaços midiáticos. Na pesquisa, não examinamos as gramáticas específicas de um gênero televisivo ou os discursos de determinado produto midiático, no que tange aos Formatos Industriais. Nos concentramos nas Competências de Recepção/Consumo, que articulam as condicionantes sociais examinadas na nossa análise da mediação Socialidade e as trajetórias de leitura dos nossos informantes. A partir destes pressupostos, chegamos à categoria *Representações midiáticas do rural-urbano*, que se difere da categoria Representações do rural-urbano do eixo Socialidade, visando ao objetivo de distinguirmos as representações diretamente associadas ao consumo de telenovelas que emergiram durante a pesquisa de campo e aquelas (re)produzidas pelos informantes ao longo de toda a pesquisa, as quais atravessam suas experiências vividas de modo global.

2. SOCIALIDADE: REPRESENTAÇÕES DO RURAL URBANO

É interessante constatar que, ao contrário de estudos clássicos sobre a problemática da migração rural-urbana na juventude, 6 dos nossos 7 informantes expressam maior preferência pela vida no campo, mas todos eles almejam por transformações em diversos aspectos de seu cotidiano no espaço que habitam. Todos os 7 consideram que a vida no campo tem como vantagem a relação à cidade a tranquilidade. Por tranquilidade, eles referem-se à baixa incidência de violência (assaltos ou roubos) e

ao fato de o campo ter muito menos barulho que na cidade.

> Aqui no campo tem mais tranquilidade, tem mais lazer. Na vida da cidade não tem. As pessoas não podem se comunicar. O roubo na vida na cidade tá demais. O barulho na cidade também. Na "rua" a pessoa não pode nem andar com uma bolsa do lado. Aqui a pessoa vai pra onde quer, sai na hora que quer. Na "rua" não. Eles não podem nem sair. Sair já tá correndo perigo (INFORMANTE 3).

O termo "rua" está destacado entre aspas porque trata-se do modo como eles se referem à cidade. Como vantagem do campo sobre a cidade, os Informantes 6 e 7 acrescentam o fato de eles produzirem os próprios alimentos e, portanto, terem uma alimentação mais natural e saudável com menos agrotóxicos. Outra vantagem, apontada pelos Informantes 2 e 7, é a maior proximidade com a natureza.

Quando falam das desvantagens do campo em relação à cidade, 4 dos 7 informantes reclamam do afastamento espacial entre o campo e os bens, serviços e infraestrutura presentes no perímetro urbano e da dificuldade de acesso ao campo devido à ausência de asfalto nas estradas e de transporte público que atenda os povoados onde moram, como ressalta o Informante 2: "às vezes você tem que resolver alguma coisa na cidade, mas você não tem transporte ou então tá chovendo. Aconteceu alguma coisa, pra se deslocar é um pouco complicado". No povoado onde a Informante 3 mora, Santa Cantídia, a situação é mais precária nesse sentido. O acesso ao povoado só é possível através de uma estrada de terra improvisada, de superfície extremamente irregular e vulnerável à chuva. Ao longo do caminho, há trechos com mata relativamente alta, pedras e poças de água. Uma ponte de madeira que faz a ligação entre duas partes da estrada separadas por um lago estava "caída" durante o período da pesquisa. Mesmo assim, ainda se passava de moto por ela. Para quem está de carro, resta enveredar por um desvio improvisado sobre a areia fofa, contra indicado aos veículos que não tenham tração nas quatro rodas sob risco de atolamento.

Os Informantes 3, 6 e 7 acrescentam, ainda, que o campo tem como desvantagem em relação à cidade a ausência de serviços públicos, como escolas e hospitais.

Como vantagens da cidade em relação ao campo, 3 dos 7 informantes apontam que há mais opções de trabalhos remunerados na cidade. Os Informantes 3, 6 e 7 acrescentam que a cidade tem como vantagem a oferta de serviços públicos, como escolas, hospitais e farmácias. Ainda, o Informante 5 aponta que há mais comércios e restaurantes;

a Informante 4 menciona o asfalto nas vias públicas; a Informante 3 diz que as tecnologias na cidade são mais avançadas; o Informante 2 fala que há mais opções de lazer e mais pessoas novas para conhecer.

Como desvantagens da cidade em relação ao campo, 4 deles afirmam que há muita violência na cidade, 3 deles apontam que tem muito barulho, 2 mencionam que é muito agitado. O Informante 7 acrescenta que a alimentação oferecida na cidade é pouco natural e com muito agrotóxico e a Informante 6 acrescenta que na cidade é muito quente.

A Informante 3 conta que a primeira coisa que traria da cidade para o campo, se pudesse, seria um hospital e uma escola. Quando questionada sobre o que, a partir de sua experiência vivida, ela poderia ensinar aos jovens da cidade, ela diz: "Trabalhar, porque lá eles não trabalham. Só vida boa". O Informante 1 concorda com a Informante 3 ao dizer que os jovens da cidade, em sua maioria, "não sabem o que é trabalhar". O Informante 2, por sua vez, responde que ensinaria a eles os "valores religiosos".

Ao se referir aos jovens da cidade, a Informante 3 conta que gostaria de aprender com eles a "mexer na tecnologia". O Informante 2, por sua vez, afirma que os jovens urbanos têm mais desenvoltura nas comunicações interpessoais,

> porque os jovens do "interior", eles têm muita dificuldade em interagir com outras pessoas. Na comunicação costumam ser sempre aqueles franzinos que sentam nos últimos lugares. Se sentem as piores pessoas e eu acho isso deplorável (INFORMANTE 2).

Essa colocação do Informante 2 é corroborada pelo Informante 5 ao referir-se a alguns "jovens urbanos" com quem conviveu ou convive. Ele conta que já foi discriminado em sala de aula simplesmente pelo fato de residir em área rural.

Um estudo realizado por Branco e Biasus (2013) investiga as representações sociais expressadas por uma população jovem do campo acerca do meio rural e do meio urbano:

> O estudo foi desenvolvido em 4 municípios da região do Alto Uruguai e contou com a participação de 40 jovens. A coleta de dados deu-se através da evocação de palavras e questionário de caracterização (...). Entre os jovens foram caracterizados conteúdos em relação ao meio rural e urbano que evidenciaram a organização da representação social, enfatizando as preocupações em relação ao futuro, sendo as de meio urbano voltadas para atividades de lazer e, de certa forma, com *uma visão mais positiva* ao passo que a de meio rural estava mais voltada para incerteza e para a característica do trabalho no campo (BRANCO; BIASUS, 2013, p. 27, grifo nosso)

A partir desse estudo, apresentamos aos nossos informantes as 43 palavras elencadas pelos autores e pedimos que eles escolhessem as três que consideram mais representativas da cidade e do campo, conforme a tabela abaixo (Tabela 1):

Tabela 1 – Palavras elencadas para os informantes

( ) Violência	( ) Carros	( ) Oportunidade	( ) Pessoas
( ) Agricultura	( ) Barulho	( ) Tranquilidade	( ) Lavoura
( ) Máquinas	( ) Cavalos	( ) Produção	( ) Comércio
( ) Pecuária	( ) Animais	( ) Fazenda	( ) Trabalho
( ) Avicultura	( ) Poluição	( ) Bom de morar	( ) Prédios
( ) Desvalorização	( ) Calma	( ) Salário	( ) Dificuldade
( ) Serviço de saúde	( ) Agitado	( ) Estradas de terra	( ) Vaca
( ) Emprego	( ) Natureza	( ) Escolas	( ) Diversão
( ) Terra	( ) Multidões	( ) Casas	( ) Movimento
( ) Pouco dinheiro	( ) Roça	( ) Plantação	( ) Sofrimento
( ) Tecnologias	( ) Família	( ) Máquina	

Fonte: Branco e Biasus (2013)

O resultado das escolhas dos informantes está demonstrado na tabela abaixo (Tabela 2):

Tabela 2 – Termos escolhidos pelos informantes

	Rural	**Urbano**
Informante 1	Agricultura Fazenda Trabalho	Poluição Carros Agitada
Informante 2	Fazenda Agricultura Pecuária	Oportunidade Poluição Violência
Informante 3	Tranquilidade Agricultura Vaca	Tecnologia Oportunidade Violência
Informante 4	Tranquilidade Agricultura Roça	Agitação Oportunidade Poluição
Informante 5	Animais Agricultura Lavoura	Carros Prédios Pessoas
Informante 6	Animais Agricultura Natureza	Carros Escolas Comércio
Informante 7	Trabalho Agricultura Natureza	Poluição Violência Agitação

Fonte: o próprio autor

Nota-se que, para definir o campo, a palavra mais recorrente é *agricultura*, escolhida por todos os informantes. Outras palavras que se repetem são *tranquilidade*, *animais* e *fazenda.* Em geral, as palavras escolhidas pelos informantes remetem à natureza e aquilo que está associado a ela, como a agricultura e elementos que ela envolve (lavoura, roça) e a pecuária (vaca, animais, fazenda). Ambos designam um tipo de trabalho, do setor primário, o que mais uma vez remete à centralidade do trabalho na vida deles. Apesar da presença de termos negativos na lista de palavras mostrada a eles, como *desvalorização, pouco dinheiro* e *sofrimento,* nenhum dos informantes escolheu termos negativos para definir o campo.

Por outro lado, 4 deles atribuíram pelo menos um termo negativo à cidade, sendo *violência* e *poluição* os mais recorrentes. Ao mesmo tempo, o termo mais recorrente entre eles para definir a cidade é positivo: *oportunidade* (escolhido por 3 deles). A outra palavra mais recorrente foi *carros* (escolhida por 3 deles). Em linhas gerais, as expressões escolhidas por eles remetem à industrialização, à oferta de elementos dos setores secundário e terciário (carros, escolas, tecnologia) e a uma maior densidade populacional (agitada, prédios).

É interessante notar que, mesmo enxergando a cidade como um lugar de oportunidades, esses jovens não pretendem tentar a vida lá e não mostram apreço pelo estilo de vida urbano, ao contrário dos jovens do estudo de Branco e Biasus (2013).

Embora, evidentemente, a nossa pesquisa de campo não tenha valor estatístico, é interessante ressaltarmos que um dos motivos pelos quais 6 dos nossos 7 informantes afirmam preferirem morar no campo é o fato de poderem produzir o que consomem, portanto, mesmo quando houver pouco dinheiro, terão o que comer, ao contrário do que, na visão deles, acontece nas áreas urbanas, onde quem não tem trabalho ou alguma outra fonte de renda passa fome.

3. RITUALIDADE: REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS DO RURAL-URBANO

Nesta seção, não pretendemos fazer uma análise narrativa do rural e do urbano representados na mídia. Aqui, buscamos analisar os sentidos que os nossos informantes atribuem às telenovelas que consomem em relação ao rural-urbano.

As perguntas sobre as representações do rural-urbano nas telenovelas foram

organizadas em dois eixos: perguntas voltadas às representações da cidade e do campo (enquanto espaço e modo de vida) nas telenovelas e perguntas direcionadas aos jovens urbanos representados nas telenovelas.

Dos 7 informantes, 5 preferem assistir a telenovelas ambientadas no campo. Os motivos pelos quais há essa preferência são variados: porque mostram paisagens bonitas; porque não dão (ou dão menos) maus exemplos; porque as pessoas que não conhecem o campo vão entender como é a vida no campo e as suas dificuldades. Esse segundo motivo é interessante porque há uma associação entre espaço socialmente ocupado (campo) a uma certa conduta moral, tida como mais correta. Essa conduta é percebida pelos informantes através do jeito que os personagens se vestem (roupas mais comportadas) e ao próprio teor das tramas ambientadas no campo, que envolvem menos violência, menos personagens promíscuos ou drogados. No entanto, quando tentam lembrar de telenovelas que se passem no campo, os informantes em geral só conseguem recordar-se de telenovelas de época, salvo exceções.

O fato de alguns dos informantes preferirem as telenovelas ambientadas no campo porque mais pessoas vão conhecer esta realidade as dificuldades que eles passam aponta para uma carência de representações do modo de vida desses jovens. 6 deles acreditam que a vida no campo é menos retratada que a vida na cidade e para eles isso acontece porque a vida no campo é menos interessante para o público em geral, pelo fato de o campo ser desvalorizado, como pontua a Informante 6: “O pessoal, nem todo mundo valoriza os interiores. Muita gente fica assim: ‘ah, não sei o que, fulano mora no interior’, já tipo assim rebaixando. Acontece muito, né? A gente vê muito assim, não tem? ‘Ah, só podia ser lá no interior mesmo’. Acontece isso”. Ela defende que o campo deveria ser mais valorizado e mais retratado na mídia, “porque tipo assim, de onde é que vem a comida? Não é do interior? Mas o pessoal não pensa nisso. O pessoal pensa só na cidade, assim… Eles (o povo do interior) que roçam, que plantam, que colhem pra poder ir pro comércio, né?’.

Os Informantes 3 e 5 acrescentam que o difícil acesso ao campo, em geral, é um obstáculo para as gravações dessas tramas e, portanto, para o campo ser mais representado. Enquanto os outros informantes recordam-se de uma ou outra obra ambientada no campo, os Informantes 3 e 5 sequer conseguem lembrar de algum exemplo.

Não percebemos incômodos por parte dos informantes sobre o modo como o

campo é representado, mas sobre a ausência de representações. Se representar o campo e as pessoas que nele habitam de uma maneira distorcida poderia contribuir para a estigmatização do rural, não o representar denota o seu apagamento perante a sociedade. O fato de as poucas telenovelas retratadas no campo mencionadas pelos informantes serem de época reforça uma idéia do rural como ultrapassado, característico de uma outra época já superada.

Mas esta realidade tanto não está ultrapassada que 5 dos 7 jovens ainda preferem vê-la na televisão, pois representa um modo de vida que eles endossam e com o qual se identificam. O que pudemos perceber é que a forma como o rural é representado não os incomoda porque, para eles, não destoa muito da realidade que eles vivenciam. O que mais os incomoda é, mesmo, a falta de representação.

Mesmo consumindo narrativas majoritariamente urbanas, esses jovens não demonstram desejar aderir a este modo de vida. Para eles, as representações do modo de vida urbano não são atrativas e são, em alguns aspectos, repudiadas. Mesmo a Informante 4, que prefere consumir obras retratadas na cidade, as prefere porque gostaria de conhecer essas cidades, não porque se identifica com os valores e modo de vida urbano. O único que, parcialmente, identifica-se com o modo de vida urbano é o Informante 2. Parcialmente porque, mesmo preferindo "obras urbanas", ele endossa certos valores defendidos pelos outros informantes e associados por eles ao campo:

> Se for novela de época eu assisto, agora se for essas novelas que não tem nada a ver com meu padrão, meu gosto, eu não assisto não. Porque eu admiro como as pessoas viviam antigamente. Mesmo na simplicidade, sempre felizes, e cobriam seu corpo, que é uma coisa que eu admiro... as pessoas se vestirem bem, com aquelas roupas mais tradicionais (INFORMANTE 2)

Por outro lado, ele diz não gostar de telenovelas que retratem o campo porque as pessoas do campo, em geral, reproduzem valores que ele considera ultrapassados e isso se refletiria na ficção. Para ele, as pessoas na cidade estão mais desprendidas desses valores e tem uma mente mais aberta em relação à tradição de, por exemplo, casar, ter filhos e constituir família, algo que ele não prioriza mais do que a sua carreira, embora diga que sofre uma certa pressão dos pais nesse sentido.

A Informante 4 prefere consumir telenovelas que retratem a cidade porque tem interesse em conhecer novos lugares. Ela diz que tem vontade de viajar e conhecê-los

pessoalmente, mas como não sabe se isso vai ser possível um dia, aprecia esses lugares através de telenovelas.

Os Informantes 1 e 3 consideram que as telenovelas ambientadas na cidade trazem mais cenas de violência e de personagens praticando atos que chamam de "imorais", como uso de drogas e comportamento promíscuo. Para o Informante 7, o aspecto negativo do comportamento dos personagens de tramas urbanas é a arrogância em relação ao poder e o dinheiro em detrimento da simplicidade: "É porque tem cenas que tem cabra que é assim arrogante e tudo mais, né? Não sou muito dessas pessoas. Eu gosto da simplicidade. O cabra ser simples é bom. Eu conheço, eu tenho muitos amigos ricos que são simples, são bem de vida". A Informante 6, por sua vez, destaca a correria do dia a dia retratada nas obras ambientadas na cidade.

A fim de compreender se os nossos informantes se sentem representados ou endossam o modo de vida dos jovens que aparecem nessas telenovelas, as quais são majoritariamente de contextos urbanos, conversamos com eles sobre os jovens urbanos retratados nessas telenovelas. Duas noções destacaram-se entre os nossos informantes: a de que os jovens urbanos da ficção, em geral, dão mau exemplo e a de que o jeito de se vestir desses jovens é parecido com o deles. A primeira noção foi compartilhada por 4 dos nossos 7 informantes. Para o Informante 1, a telenovela "mostra muita imoralidade". Para o Informante 7, o comportamento dos jovens do campo ou da cidade que ele conhece é parecido, mas ele não se inclui entre eles:

> Rapaz, é quase o mesmo comportamento hoje em dia. Tá sendo quase do mesmo jeito. Isso hoje a televisão ela ensina o que é bom e o que é ruim. Tem gente que não quer seguir, mas tem vezes que ensinam muito, né? Negócio de violência, negócio de usar droga. Tanta coisa hoje aparece muito, ensinam muito. (...) Essa novela o pessoal querem fazer que nem tá acontecendo (INFORMANTE 7).

Uma segunda noção muito recorrente entre eles (5 entre os 7) refere-se ao potencial que as telenovelas tem de estabelecer tendências da moda: "Quando aparece uma coisa nova na TV, né, sempre os jovens querem acompanhar" (INFORMANTE 6). Para o Informante 2, essa tendência de reproduzir a maneira que os personagens das telenovelas se vestem é mais marcante entre as mulheres: "As mulheres elas se vestem muito parecidas, até mesmo porque eu acredito que as mulheres elas tem essa tendência de copiar o estilo da atualidade. As novelas da Rede Globo, com mais frequência, elas

costumam gerenciar a moda no Brasil".

Para os Informantes 1, 2 e 3 a vida dos jovens da ficção parece muito mais fácil que a realidade deles, seja porque há muitos personagens de classes mais abastadas em capital econômico, pois mesmo que deparem-se com dificuldades, "acabam sempre conseguindo tudo o que querem, ou com ajuda de uma pessoa ou ganhando alguma fortuna, alguma coisa assim. Na vida real é completamente diferente" (INFORMANTE 2). Enquanto hipótese, essa fala de Vitor foi corroborada em uma pesquisa empírica realizada por Ronsini (2012) acerca do ideal da meritocracia reforçado em telenovelas brasileiras do horário das oito, na Rede Globo. A autora constatou que há uma tendência, entre o público dessas telenovelas, em acreditar que a superação de desigualdades sociais depende do esforço individual, baseando-se em uma noção de meritocracia que não leva em conta a dominação simbólica inscrita nas estruturas sociais, o que os leva a crer na superação através do esforço individual.

Para Gramsci, esse movimento de ocultação ideológica promovido pelas classes dominantes tem por objetivo a organização de um consenso entre as diferentes classes sociais como forma de exercer sua hegemonia. Como indica a pesquisa de Ronsini (2012) as indústrias midiáticas, enquanto classes dominantes, tendem a promover os interesses destas classes ou assegurar a manutenção de sua hegemonia econômica, social e cultural. A fala do Informante 2 vai de encontro à tese *gramsciana* de que, mesmo subordinada ao capital, a classe trabalhadora não tem uma falsa consciência, mas uma consciência acrítica, pois reconhece a precariedade à qual, através de um controle ideológico, está submetida, embora não saiba como essa ideologia opera exatamente, portanto não sabe como transforma-la (BURAWOY, 2010). A "violência simbólica", no sentido *bourdeusiano* do termo, é muito mais complexa de ser reconhecida e combatida que o controle dos meios de produção exercido na era industrial.

Um ponto interessante que os Informantes 2, 3 e 4 mencionaram diz respeito à impressão que eles tem de que os laços de amizade entre os personagens jovens da ficção tendem a ser mais estreitos que na realidade deles, mas ao mesmo tempo esses personagens mostram-se menos ligados às suas famílias do que os jovens do campo, de acordo com os Informantes 2 e 4.

A impressão de que os jovens urbanos da ficção tem uma vida fácil está expressa nas percepções das Informantes 3 e 4: "tem mais oportunidade de se formar"

(INFORMANTE 3); "tem mais liberdade e são mimados" (INFORMANTE 4); "tem menos preocupações financeiras" (INFORMANTES 3 e 4).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa que deu origem a este artigo, constatamos que produção agrícola em Pedreiras ainda é rudimentar e que a agricultura familiar local não é estimulada pelo poder público do município porque sua economia é predominantemente centrada nos setores comerciais urbano e industrial. A partir da análise das representações do rural-urbano que circulam entre os nossos informantes, no âmbito da Socialidade, inferimos que, para além de uma exclusão econômica, há uma exclusão simbólica entre a realidade dos sete jovens e o modo de vida urbano, tendo em vista que, em intervalos relativamente curtos de espaços físicos (de povoados rurais a áreas urbanas praticamente "encostadas" nestes povoados), há um distanciamento cultural entre os nossos informantes e os jovens que residem nas áreas urbanas. Os informantes se referem a esta outra realidade como um universo à parte, um universo que se aproxima dos valores da modernidade: aceleração do ritmo de vida, competitividade, hedonismo, individualismo, tecnologias. Eles afirmam, quase unanimemente (com exceção de um deles) que preferem viver no campo, mas sentem falta de uma oferta de bens e serviços, presentes nas áreas urbanas de Pedreiras, nos povoados rurais onde moram.

Entre os nossos informantes, há um predomínio de valores tradicionais, como o respeito à hierarquia patriarcal, a importância da família, a religiosidade e o cooperativismo.

Em relação às representações midiáticas do rural-urbano, nas telenovelas, no âmbito da Ritualidade, eles tendem a reverberar aquilo que dizem a respeito da realidade do centro urbano de Pedreiras, mas atribuem uma influência demasiada e totalizante das telenovelas no comportamento do público. Para eles, há uma tendência de que crianças e jovens que vivem na cidade imitem o comportamento de personagens das telenovelas, enquanto as pessoas do campo parecem estar mais imunes, pois, para eles, a realidade, as preocupações e valores das pessoas do campo são outras. Cabe ressaltar, ainda, que foi raro algum dos jovens lembrar de representações do rural nas telenovelas. Eles conseguem mencionar várias que são ambientadas na cidade, mas em geral não lembram

de telenovelas retratadas no campo, com exceção de telenovelas "de época", como se a vida no campo pertencesse ao passado, a outra temporalidade.

A consagração de valores urbano-centrados, no entanto, parece reverberar entre eles somente no que diz respeito à velha ideia de que a cidade é um lugar de oportunidades de trabalho. Mesmo assim, eles não se mostram imbuídos a migrarem para a cidade, preferindo a segurança de poderem produzir o que comem, seguindo seu próprio ritmo de trabalho, mesmo que, para poderem usufruir minimamente de ofertas de bens e serviços básicos de subsistência, dependam de uma venda instável de alimentos, quase sem o suporte do poder público, com exceção da Feira do Agricultor Familiar que ocorre uma vez por mês e comporta uma parcela ínfima dos agricultores familiares da região. Se, na lógica capitalista, tempo é dinheiro, para os nossos jovens, tempo não tem preço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIASUS, F.; BRANCO, S. Representação social de meio urbano e meio rural de jovens residentes no meio rural. *Revista Perspectiva*, p. 27-37, 2013.

BURAWOY, Michael. *O marxismo encontra Bourdieu*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010

CASTRO, Elisa Guaraná de. *Juventude rural no Brasil:* processos de exclusão e a construção de um ator político. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, v. 7, n. 1, p. 179-208, 2009.

FROEHLICH, José Marcos. Juventudes (rurais): construções identitárias e abordagem territorial do desenvolvimento. In: MARIN, José Orlando Belivaqua; FROEHLICH, José Marcos (orgs.). *Juventude rural e desenvolvimento territorial*. Santa Maria: UFSM, 2019.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. *Matrizes*, v. 8, n. 1, p. 65-80, 2014.

____. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. *Intexto*, n. 43, p. 14-23, 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*: comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

RONSINI, Veneza Mayora. A etnografia crítica da recepção: miniaturistas em campo. *Comunicação & Sociedade*, v. 24, n. 39, p. 33-50, 2003.

____. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: GOMES, Itania; JANOTTI Jr. (orgs.). *Comunicação e estudos culturais*. Salvador: Edufba, 2011.

____. *A crença no mérito e a desigualdade:* a recepção da telenovela no horário nobre. Porto Alegre: Sulina, 2012.